



Leitura e Mediação Pedagógica



Protocolo 62

Colaborador: F.

Pesquisador: Deise

Transcrição

(94) P - Isso. Tá, e, por exemplo, quando você pensou em escolher uma crônica, você lembrou de algum fato em especial que você queria contar? Na sua produção textual? Já te ocorreu algum fato do cotidiano?

(12 segundos de silêncio)

(95) F - Sim.

(96) P - E qual é o fato? Conta pra mim.

(17 segundos de silêncio)

(97) F - Tem que falar tudo?

(98) P - Não, você me fala se você quiser. É porque nós vamos fazer um esboço da sua produção textual, eu tenho que escutar o que você está pensando, né? Pra eu te ajudar a organizar.

(48 segundos de silêncio)

(99) Explicação sobre a pesquisa

(100) P - Eu tô te perguntando qual é o fato que você quer contar na sua crônica até pra eu buscar mais textos pra te dar elementos pra escrever sobre isso. Pro seu texto ficar mais rico, ficar.... usar uma linguagem mais adequada, tá? Por isso. Por exemplo, se você me conta assim: "Ah Deise, eu quero contar sobre as visitas da minha mãe ao supermercado, como a minha mãe é engraçada no supermercado.". Aí a gente pode buscar outros textos que falam sobre mães e supermercados até pra gente ter mais idéia, pra você aprender mais vocabulário, utilizar um vocabulário mais adequado, mais elaborado. Só por isso, tá meu bem?

(101) F - E se eu fosse falar sobre a vida dela, de quando ela veio pra cá pra Goiânia?

(102) P - Pode, claro. Isso é uma bela crônica. E o que, de onde você é?

(103) F - Da Bahia.

(104) P - Ah é? Sua mãe é baiana?

(105) F - É.

(106) P - E ela tá muito tempo aqui em Goiânia?

(107) F - Aham, ela veio pra cá ela tinha dezoito anos.

(108) P - E você gosta dessa história dela?

(109) F - Acho engraçado que ela conta como que ela vivia lá na Bahia, que era diferente daqui.

(110) P - E o que te chama mais atenção? O que você acha que até merece uma crônica? Era muito diferente da sua vida aqui?

(111) F - Era, ishe! Porque lá na Bahia tinha mais nove irmãos, e quando ela era pequena o pai dela morreu, aí falava que juntava tudo e ia pra roça e roubava cana lá dos vizinhos. Minha mãe também falou que quando ela era moça ela era namorada, aí minha vó não permitia... Quando eles eram pequenos... a roupa eles ganhavam dos outros, a sandália minha mãe falou que ela só foi usar sandália boa só aqui em Goiânia.

(12 segundos de silêncio)

(112) F - Ela conta também que lá na Bahia tinha muita.... Muita pessoa que fazia macumba. Aí contava as histórias que... Que acontecia lá com as pessoas que eram muito estranhas. De madrugada os cachorros começavam a uivar, aí saía na rua e não via nada... Coisa aí doida.

(113) P - Nossa, você tem muitos elementos pra fazer uma boa crônica, não é?

(114) F - É, tenho.

(115) P - Tem muita história bacana aí pra você contar, pra você falar sobre a sua mãe.

(116) F -É.

(117) P - Bom, e dentro disso que você me contou, porque você me disse que pra compor essa crônica você tem que dizer que, quem, quando, onde, por quê, né? Por exemplo, aqui a autora explica o tempo, o espaço, o enredo, as personagens. Aonde que, por exemplo, desses fatos que você tá me contando, onde que eles encaixam aqui? Que que cê acha? Pra gente pensar num esboço pra sua produção textual.

(7 segundos de silêncio)

(118) F - Eu posso falar que eu vou narrar em terceira pessoa.

(119) P - Isso, muito bem. Porque é você quem vai contar, né? Certo. Vai ter um personagem, mas é o narrador quem vai fazer a crônica.

(120) F - O narrador, o tempo, onde que foi, determinado lugar.

(121) P - Isso, e que tempo que foi, meu bem? Onde você vai identificar isso? O tempo eu

necessariamente preciso saber o dia, a hora, o ano?

(122) F - Eu posso colocar, só que eu vou colocar.

(123) P - Isso. Só que você não me falou de ano, você situou essa história que você me falou no tempo, mas você não me falou o mês, o ano, mas você situou. Qual o elemento que você usou pra me contar esse tempo?

(5 segundos de silêncio)

(124) F - Qual é o elemento?

(125) P - É, o que é que você diz, como que você me explicou, como que eu sei o tempo, em que tempo aconteceu isso, que você tá me contando essas histórias.

(126) F - Foi no passado.

(127) P - Isso, no passado, mas é mais especificamente em que passado?

(8 segundos de silêncio)

(128) P - Você situou, falou que era a sua mãe jovem, não é? Isso também é um tempo, não é? É a juventude da sua mãe. Você usou também, embora você falasse o local, que era a Bahia, tem um tempo, não é? Quando ela morava na Bahia, quando ela era criança na Bahia, quando ela era adolescente na Bahia, não é? Isso tudo especifica o tempo, não é? Você usou também outro tempo, quando você disse que eles trabalhavam, né? Aonde eles trabalhavam? Com cana de açúcar, nos canaviais?

(129) F - Não, eles iam roubá.

(130) P - Só roubar? Isso é em que época assim?

(5 segundos de silêncio)

(131) P - Ela era criança? Era voltando da escola?

(132) F - Ela era criança.

(133) P - Então, pra você dizer esse tempo, você não precisa usar exatamente o dia certo, o mês certo, mas você especifica uma época. Isso aí vai ser de forma cronológica ou vai ser em forma de memória?

(134) F - Vai ser eu acho que psicológica, causa que eu vou lembrar.

(135) P - Isso, você vai se lembrar não só do que vem da sua memória, mas você vai narrar fatos contados pela sua mãe que trazem uma memória desse tempo, não é?

(136) F - É.

(137) P - Isso. Embora você possa usar um dia, um mês, um ano, né? Mas assim, basicamente você vai

fazer recordações, lembranças. E em relação ao espaço? Tem vários espaços aí que você contou, né?

(138) F - Tem.

(139) P - Ela morou em que região da Bahia.

(140) F - Em Correntina.

(141) P - Em Correntina? Lá ela morava onde, em Correntina? Era na cidade? Ou você não sabe?

(142) F - Era na roça.

(143) P - E, por exemplo, você me contou dos canaviais, esses canaviais que eles roubavam cana eram o que, eram próximos da roça deles, como que era? Onde que ficavam esses canaviais?

(142) F - Era de vizinhos.

(143) P - Ah, tá certo. E outro fato que você contou foi das macumbas, né? Isso aconteceu aonde, essas macumbas?

(144) F - Lá na Bahia mesmo, na roça.

(145) P - É, mas na própria... Porque você falou dos cachorros, né? Que ficavam latindo... Você usou até a expressão uivando, né?

(146) F - Falei.

(147) P - Isso é o que, lá no meio da rua? Porque na roça não tem rua, né? Dever ser na estrada, né?

(148) F - É, aí eu não sei.

(149) P - Olha, aí são coisas, né? São aspectos que você vai ter que trazer com mais especificidade na hora da sua escrita, né? Aí você vai ter que pensar se você vai usar rua, se você vai usar estrada. Porque se a gente pensar em roça talvez não tivesse rua, tivesse estrada, não é?

(150) F - É.

(151) P - Pra você saber que vocabulário você vai usar. A trama, qual que é a trama que você quer contar? Sobre a mudança dela, antes dela mudar, não é? A trama.

(152) F - É, a trama.

(153) P - Isso, aí diz isso, que a trama tem desenvolvimento, clímax e desfecho, né? Como que você vai organizar isso aí, pensa. Porque isso aí é interessante você pensar a questão na hora de produzir o seu texto, né? Como que você pode situar essa história dando um início a ela? Como que você pode situar isso?

(19 segundos de silêncio)

(154) P - Porque quando você começou a falar comigo você disse assim: "Ah, eu queria contar uma história antes da minha mãe vir pra Goiânia". Você pode começar daí, né? Situando isso. Sua mãe em Goiânia contando essas histórias pros filhos, né? E fazendo essa memória do tempo que ela viveu na Bahia, não é?

(155) F - É, pode ser.

(156) P - Isso. O desenvolvimento é isso, é contando algumas, alguns fatos que aconteceram quando ela vivia lá, né? O clímax me parece que é o que você me chamou a atenção é a diferença que era a vida dela lá e o que é hoje, ela fala inclusive sobre a sandália, não é? Que ela nunca tinha utilizado lá, que só veio usar aqui, né? E o desfecho, como que você pensa em terminar essa história?

(157) F - Eu penso em terminar quando... Aí eu vou falar a história tudo lá na Bahia, depois daqui de Goiânia, a história. Aí tem que ver a história que aconteceu aqui em Goiânia.

(158) P - E você pensa em, por exemplo, no final do seu texto falar como que a vida dela melhorou, como que a vida dela era mais alegre lá, o que que você pensa assim que é interessante pra chamar a atenção, pra ficar bonito o seu texto no final? Como se fosse uma homenagem à sua mãe, já que estamos na véspera do dia das mães.

(159) F - Ai, falar que a vida dela melhorou, que a vida dela de lá... É....

(5 segundos de silêncio)

(160) P - Da qualidade de vida que ela tem aqui, né?

(161) F - É.

(162) P - Isso. Mais alguma coisa que você gostaria de falar?

(3 segundos de silêncio)

(163) P - Não?

(164) F - Não.

(165) P - Você tá vendo que esse exercício que a gente tá fazendo aqui F, de pensar todas essas coisas antes de você escrever o texto, podem te ajudar a produzir um texto mais organizado? Não é?

(166) F - É.

(167) P - Aí o seguinte, o que nós vamos fazer? Porque você sabe que você tem que escrever uma narrativa. Então dentro da narrativa tem essas características, e dentro dessas características têm que estar presentes no seu texto. Se você pensa essas características pensando já como construir sua idéia de história, fica mais fácil pra você conseguir, não é?

(168) F - Fica.

(169) P - Então, um esquema disso, uma compreensão dessas questões teóricas que você viu lá de uma forma pensada no seu texto, te ajuda a produzir um texto melhor, não ajuda?

(170) F - Ajuda.

(171) P - Então vamos tentar fazer um roteirinho então? Vamos ver se a gente acha alguma coisa de mãe aqui.

(Pesquisa de crônicas com o tema mãe na internet)

(172) P - Leitura do primeiro texto.

(173) F - Leitura do segundo texto, escrito por Rubem Braga.

(174) P - Leitura do segundo texto, escrito por Rubem Braga.

(175) P - Depois a gente vai voltar no texto, F, mas só assim, rapidamente, vamos pensar nessa crônica que a gente leu do Rubem Braga, você identificou algumas daquelas características que a gente tinha falado sobre a crônica?

(5 segundos de silêncio)

(176) P - Que a gente falou que era o quem, o que, o quando, o onde, o por quê...

(177) F - Falou um pouco. Causa que ele falou sobre a mãe dele, o Joãozinho, aonde que foi, que foi na praia.

(178) P - Isso.

(13 segundos de silêncio)

(179) P - Você já falou de quem, já falou onde. E quando que foi, falou?

(180) F - Ele falou quando que aconteceu, que o Joãozinho tinha sumido.

(181) P - E... É... Assim... Lá você tinha me dito que isso é, por exemplo... lá é o personagem que conta ou é o narrador?

(182) F - Narrador.

(183) P - Então ele narra esse fato, né? Aí, por exemplo, o que você acha que... que estilo ele usa lá? Por exemplo, você viu as características do texto? Por exemplo, tem hora que aparece em primeira pessoa, não é? Fazendo pergunta, discurso direto, não tem?

(184) F - Tem.

(185) P - Tem o discurso indireto também, não é?

(186) F - É.

(187) P - Então, por exemplo, tem características da crônica também que você pode descrever, não é?

(188) F - Pode.

(189) P - E o que que assim... Tem o clímax também, né? Não tem?

(190) F - Tem.

(191) P - Qual que é o clímax que seria da história?

(11 segundos de silêncio)

(192) P - O que que assim, envolve toda a história, qual que é o fato que envolve toda a história?

(193) F - A mãe e o Joãozinho que sumiu.

(194) P - Isso, então na verdade o fato é o sumiço do Joãozinho, não é? Por duas vezes, não é? Então quer dizer que o clímax é esse, né?

(195) F - É.

(196) P - Então tem aí um fato que vai envolver isso, não é? E como é que ele vai resolver esse fato? No final lá, como que termina o texto dele?

(6 segundos de silêncio)

(197) F - Dizendo que achou o Joãozinho. Aí ele percebeu que a maioria das mães são chatas.

(198) P - Então quer dizer que ele termina a crônica, embora seja uma homenagem ao dia das mães, ele também termina de uma forma irônica, né? Dizendo "Ai, mãe é chata, né?". Quer dizer, porque preocupa demais...

(199) F - Pega no pé...

(200) P - Isso, pega no pé. Não é bacana? Você gostou da crônica? Ficou claro pra você ou tem alguma dúvida sobre o que você leu lá? Tem alguma coisa que você não tenha entendido do que você leu?

(201) F - O que eu li eu entendi sim. Deu pra entender o texto

(202) P - E ele também te deu alguma idéia de como escrever a sua crônica sobre a sua mãe?

(203) F - Não um pouco.

(5 segundos de silêncio)

(204) P - O que você acha que você pode aproveitar um pouco dessa crônica que você leu em termos

de idéia pra escrever a crônica que você vai fazer sobre a sua mãe?

(34 segundos de silêncio)

(205) P - Como você acha que você poderia terminar a sua crônica também assim... Não irônica, mas também de uma forma interessante? Quais são os elementos que podem chamar a atenção do leitor? Porque aquele primeiro texto que a gente leu fala que mãe é tudo igual. O que que faria, por exemplo, diferença pra você dizer.... Assim, alguma característica da sua mãe que chamaria atenção na crônica. O que você acha? Tem alguma?

(35 segundos de silêncio)

(206) P - Eu acho que se você pensasse porque que dentre tantas histórias que a sua mãe conta essa foi a que você se lembrou primeiro, né, pra relatar, eu acho que, né? Por que que você acha essa... O que que você acha dessas histórias que você está contando sobre a sua mãe?

(207) F - Uai, interessante, eu acho.

(208) P - O que que faz você achar que é interessante? Que você pode terminar a sua crônica chamando atenção pra esse fato interessante? Você quer também causar um interesse em quem lê, não é?

(209) F - É.

(5 segundos de silêncio)

(210) F - A força de vontade que ela teve de vencer. Porque quando ela era pequena ela saiu lá da Bahia sozinha pra vir morar aqui em Goiânia. Se fosse eu não tinha coragem.

(211) P - E ela saiu com a sua idade, F?

(212) F - Ela saiu com dezoito.

(213) P - E você tem que idade?

(214) F - Dezesete.

(215) P - Quase a sua idade, né? Então quer dizer que é uma admiração que você tem por ela. Você pode terminar a sua crônica falando disso, né? O que você acha?

(216) F - É.

(217) P - Então vamo combinar assim, você faz um esquema pra gente pensar na produção conjunta, tá? Eu e você ou você e a Allice, né? Você pode fazer o esquema do jeito que a gente pensou, aí você esboça essa crônica e depois ela lê com você ou eu leio e a gente faz algumas observações, pode ser?

(218) F - Pode ser.

(219) P - Você acha que isso vai te ajudar a escrever uma crônica bacana?

(220) F - Vai.

(221) P - Então boa sorte pra você!

(222) F - Brigada

Observações:

TEXTO ACADÊMICO 2

Análise Local

Análise Comparativa
